

CORRESPONDÊNCIA

A. C. M. — Lisboa. — Esperanto. — As perguntas que nos faz já nós as fizemos, a nós mesmos, há cerca de uns 10 anos. E aprendemos o Esperanto. Vamos pois responder-lhe, mas fica entendido que as nossas respostas dizem apenas a nossa opinião. Pergunta: «tem realmente o Esperanto valor, isto é, merece que todos lhe dediquem atenção, estudando-o?» Respondemos: Tem, sim senhor; merece, sim senhor. Sendo, como é, uma língua internacional, tem a utilidade de fazer que por ela se entendam pessoas de línguas diferentes. Se não sabe japonês e fôr ao Japão, encontrará ali quem fale inglês, francês e esperanto; se não sabe alemão, nem russo, nem chinês, e quizer ler coisas de alemães, de russos, de chineses, pode fazê-lo por intermédio das traduções esperantas, que as há, e boas, e muitas, e que as há-de haver cada vez mais numerosas. Etc. 2.^a pergunta: «o pouco successo, relativo, que tem alcançado, será devido a êle próprio ou devido à nossa época não lhe ser favorável?» O Esperanto entrou em Portugal há muitos anos, mas só agora é que tem tido quem dêle faça uma propaganda eficiente; não se pode pois julgar ainda do seu pouco successo; parece-nos até que está tendo bastante successo, e dentro de poucos anos (tudo isto se faz à custa de muitos anos), haverá numerosas traduções esperantas, principalmente de obras culturais. 3.^a pergunta: «será evidente a sua superioridade sobre as outras línguas auxiliares?» R. — E' evidente. A outras línguas auxiliares (só conhecemos o *volapük* de perto, e de nome o *ido*), faliram por completo; e a sua falência é o melhor índice da sua inferioridade.

T. S. J. — Lisboa. — Poetas modernistas. — Para conhecer o movimento poético modernista deve, além dos seus poetas mais representativos, ler os seus críticos. Pode começar pelas «Tendências do lirismo contemporâneo», de Hernani Cidade, e ler depois o livro de João Gaspar Simões, «O Mistério da Poesia», bem como os artigos e críticas publicadas em «presença», «Contemporânea», «Athena», «Sol Nascente», «O Diabo». Os poetas mais representativos do modernismo são: Fernando Pessoa (colaboração nas revistas «Contemporânea», «Orpheo», «Athena», «presença», e um livro de poemas que não são do seu melhor: «Mensagem»); Mário Sá Carneiro («Indícios de Ouro» e «Dispersão», publicados em edições «presença»). Êstes dois poetas são os maiores da primeira fase do modernismo; da segunda, girando em redor do grupo da «presença», leia José Régio («Poemas de Deus e do Diabo», «Biografia», «Eneruzilhadas de Deus» e «Sonetos»); Casais Monteiro («Confusão», «Poemas do tempo incerto», «Sempre e sem fim»); Miguel Torga («Rampa», «Abismo», «O outro livro de Job»); António Botto («Canções» e outros). Da nova geração poucos livros há publicados; a produção anda dispersa por vários jornais e revistas, como «Sol Nascente», «O Diabo», «Altitude», etc. Em livro poderá ler: «Rosa dos Ventos», de Manoel da Fonseca; «Sinfonia da guerra» e «Sinal de Alarme», de Ramos de Almeida; «Terra», de Fernando Namora. Êste último livro é o primeiro volume da colecção «Novo Cancioneiro», onde aparecerão volumes de Mário Dionísio, Joaquim Namorado, João José Cochofel, Manuel da Fonseca, Ramos de Almeida, Santos Abranches, Álvaro Feijó, e outros. (J. N.)

«Pela monumental criação que é a psicanálise, Freud marcou com o seu génio todo o movimento psicológico do nossotempo. Os dados preciosos que o seu método nos trouxe, infiltram-se pouco a pouco em todo o dominio das ciências do espírito: já não existe actualmente psicólogo ou psiquiatra digno dêste nome que possa ignorá-los, como já não pode ignorar a linha geral dos trabalhos de Bergson ou de Pierre Janet.»

E. P I C H O N